**LENDAS BRASILEIRAS: POR QUE NÃO AS VEMOS EM PRODUÇÕES NACIONAIS?**

**Resumo**

**Esse artigo tem como objetivo fazer uma análise da falta dessa representação do folclore brasileiro nas produções audiovisuais nacionais, já que se trata de um potencial muito grande, mas que é desperdiçado, e que poderia render histórias interessantes, com qualidade para serem reconhecidas internacionalmente. É importante que o Brasil, que já possui um crescimento de conteúdo e de qualidade ao longo dos anos, com maiores investimentos na área audiovisual, continue crescendo e fomentando esse setor. As discussões feitas nesse artigo tomam como base livros e artigos sobre o tema de terror e lendas brasileiras, a fim de analisar a situação das produções nacionais neste quesito. Através da pesquisa é possível perceber que vários foram os motivos para a decadência da produção audiovisual do terror, sendo talvez a maior de todas, a crise econômica sofrida pelo país no final dos anos 90, além do crescimento da popularidade das comédias.**

**Palavras-chave:** Terror; Lendas; Produção Audiovisual.

***ABSTRACT***

***This article aims to analyze the lack of this representation of Brazilian folklore in national audiovisual productions, as it is a very large potential, but it is wasted, and could yield interesting stories, with quality to be recognized internationally. It is important that Brazil, which already has a growth of content and quality over the years, with greater investments in the audiovisual area, continue to grow and foster this sector. The discussions in this article are based on books and articles on the theme of terror and Brazilian legends, in order to analyze the situation of national productions in this regard. Through research it can be seen that there were several reasons for the decline of the audiovisual production of terror, perhaps the biggest of all, the economic crisis suffered by the country in the late 1990s, and the growing popularity of comedies.***

***Keywords****: Terror; Legends; Audiovisual production.*

**1 INTRODUÇÃO**

As produções audiovisuais de entretenimento são uma das mais importantes na televisão mundial. Todos os anos são produzidas diversas peças dos mais variados gêneros e formatos. No Brasil, a produção de entretenimento mais forte são as novelas, que possuem longa duração e geralmente tratam de assuntos que são comuns a sociedade, com personagens “comuns”. Já no cinema, o Brasil se destaca mais por suas comédias e filmes dramáticos, que contam histórias da realidade brasileira. No campo das séries de TV, o Brasil ainda está muito abaixo do número de produções do que países como Estados Unidos e Inglaterra. Apesar da produção nacional ter aumentado bastante nos últimos anos, e que séries brasileiras tenham começado a aparecer em serviços de streaming, como a Netflix, e na TV aberta, como é o caso da Rede Globo, ainda há pouco conteúdo disponível para os telespectadores.

O Brasil é um país com uma história riquíssima devido ao modo como sua sociedade foi formada. A população do Brasil contou, ao longo de sua história, com misturas entre europeus dos mais variados países que tentaram colonizar a América, negros que foram trazidos da África, imigrantes de diversas partes do mundo, principalmente da Europa e da Ásia que fugiram de conflitos em suas regiões natais, além dos inúmeros povos indígenas que já viviam aqui antes da colonização. Isso possibilitou que o país produzisse um repertório de lendas e histórias com os mais fantásticos personagens e monstros, que diferem de forma extraordinária por toda a extensão do território brasileiro. Todo esse material poderia ser aproveitado em produções de gênero de terror nacional, mas são raramente encontrados, com o agravante que o gênero de terror não é muito forte no país. Com esse artigo esperamos esclarecer se o número de produções nacionais que retratam o lado do horror do folclore brasileiro consegue fazer um papel satisfatório, e entender por que é difícil encontrar as tais produções, seja na televisão, cinema e também em serviços de *streaming*.

**2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

**2.1 A FORMAÇÃO DA SOCIEDADE BRASILEIRA**

O Brasil é formado atualmente por uma pluralidade de etnias e culturas, uma mistura de diversos povos que migraram para o país durante todos os seus mais de 500 anos de história. Segundo estudos, a descoberta do Brasil foi feita por Pedro Álvares Cabral, no período de expansão marítima de Portugal e de outros países da Europa, que possibilitou a descoberta, e posterior colonização de diversos países pelos europeus. De acordo com Fausto (2006), os motivos para a expansão marítima portuguesa foram tanto o crescimento comercial do país, que deixou a capital Lisboa em uma posição de comércio altamente favorável, mas também por causa do senso de aventura, que era muito mais forte na época, já que o mundo não era inteiramente conhecido como é hoje, com a ajuda de satélites que mapeiam o globo terrestre.

Com o início da colonização, houve um período de escravidão imposta pelos europeus, que afetou tanto as tribos indígenas que já viviam em terras brasileiras, quanto os povos negros que foram trazidos da África. Fausto (2006) diz que houve duas tentativas distintas de escravização dos índios. A primeira, feita pelos colonos, foi a escravização pura e simples, enquanto a segunda foi tentada pelas ordens religiosas, que ao “converter” os indígenas ao cristianismo, também impunha a eles o modo europeu de trabalho, que era estranha à cultura deles. Após a tentativa falha de utilizar os indígenas como força de trabalho, os europeus começaram o trabalho de tráfico de africanos, que eram enviados à América para serem escravizados. Mesmo após séculos, essa parte sombria da história brasileira ainda deixa marcas na sociedade, tanto moralmente quanto socialmente.

Apesar deste ser o período que mais contribuiu para a formação da sociedade brasileira, o país recebeu por diversas vezes grande número de imigrações, principalmente de refugiados de guerras, como, por exemplo, os imigrantes italianos que vieram para o país após a Segunda Guerra Mundial. Todas essas culturas tiveram uma contribuição em como a população brasileira se formou até chegar aos dias atuais.

**2.2 O GÊNERO TERROR**

“Ser um fã de filmes de terror significa saber que você não deveria olhar, mas querer ver mesmo assim” (informação verbal)[[1]](#footnote-1). O gênero de terror é um dos grandes pilares da indústria cinematográfica, juntamente com a comédia, drama e ação. O famoso cineasta francês Marie Georges Jean Méliès, que já teve sua vida retratada no cinema através do filme *A Invenção de Hugo Cabret*, foi o responsável por produzir o primeiro filme de terror da história do cinema em 1896. O filme, com pouco mais de 3 minutos de duração, era intitulado *Le Manoir du Diable* e foi seguido por diversos clássicos, como Nosferatu, Frankenstein e Drácula. Muitas das primeiras histórias de terror criadas para o cinema têm como base lendas e fábulas europeias sobre seres fantásticos que aterrorizavam as regiões. Com a popularização do gênero, novos subgêneros surgiram para preencher os filmes de terror moderno.

De acordo com Carroll (2004), existe o horror (ou terror) natural, que pode ser exemplificado por situações ocorridas na nossa realidade, como a Segunda Guerra Mundial, ou a iminência de uma possível guerra nuclear, que são classificadas como cenários “horrendos”, ou “horrorosos”. E também há o que o autor (CARROLL, 2004) classifica como *horror-arte*, que faz parte da literatura e cinema de terror, bem como de toda e qualquer manifestação artística ou popular que use o terror como pano de fundo, “desde a época da publicação de *Frankenstein* [...] e que persistiu, às vezes ciclicamente, dentre as novelas e peças do século dezenove e da literatura, quadrinhos, livros, revistas e filmes do século vinte” (CARROLL, 2004, p.13).

Desde os tempos em que o gênero de terror se firmou na literatura mundial, com nomes que entraram para a história, como chamados “mestres do terror”, como H. P. Lovecraft, Mary Shelely, Edgar Alan Poe, Shirley Jackson, entre muitos outros, houve uma discussão sobre a diferença entre o terror e horror e como esses dois gêneros (teoricamente) distintos se comportam na construção da história e do medo no espectador.

O terror cria uma atmosfera de pavor psíquico espiritual [...]. O horror utiliza-se de uma representação mais rude do macabro: por uma representação exata do que é fisicamente horrível e revoltante, de encontro a um terrível plano de fundo de melancolia e desespero espiritual (VARMA, 1966 apud TOSCANO, 2016, p.25).

Com essa definição pelo autor, pode-se formar uma definição da diferença entre o terror e horror, assim como já foi feito por outros autores e críticos de cinema da seguinte forma: o terror tem como enfoque o medo psíquico, ou seja, tensão psicológica, mais focada em assuntos ligados à realidade. Já o horror preza mais para o aspecto sobrenatural do medo, dando forma a esses medos na forma de seres fantásticos e ameaçadores.

Nickel (2010) argumenta que o gênero de terror tem dois elementos centrais: a presença de uma figura sobrenatural ou monstruosa e o objetivo de provocar um sentimento negativo (medo, aversão, desconforto etc.) na audiência. E essa é uma das grandes diferenças entre o gênero de terror e os demais gêneros cinematográficos. De acordo com Wells (2000), os filmes de terror normalmente representam medos e fobias presentes na sociedade na época em que o mesmo é produzido. Porém, filmes do gênero ainda arrastam multidões para o cinema todos os anos e tem grande faturamento. Uma frase atribuída ao diretor, produtor e roteirista americano Wesley Earl Craven, responsável pela criação de duas séries importantes do gênero (*Pânico* e *A Hora do Pesadelo*), diz o seguinte:

Algumas pessoas perguntam por que alguém iria a uma sala escura para ser assustado. Eu digo que essa pessoa já está assustada, e ela precisa ter esse medo manipulado e massageado. Eu penso em filmes de terror como os sonhos perturbados da sociedade. (Informação verbal)[[2]](#footnote-2)

Apesar de vários filmes de terror serem lembrados apenas por violência excessiva e pelo simples objetivo de deixar a audiência assustada, “o gênero tem explorado os caminhos com que a humanidade tem se engajado com o processo da ordem natural” (WELLS, 2000, p.5). Ainda de acordo com o autor, diversos filmes exemplificam esse pensamento, como *Os Pássaros* de Hitchcock, *King Kong*, entre outros, que mostram a batalha do ser humano contra a natureza e a ordem natural, que é a força maior em nossas vidas.

O debate em torno da violência excessiva de filmes de terror, principalmente do subgênero *slasher*, que foi feito famoso por filmes como *O Massacre da Serra Elétrica*, *Sexta-feira 13* e *Halloween* gira em torno de se isso gera danos para o espectador ao presenciar tais cenas, como explica Nickel (2010). Segundo o autor, o gênero de terror apresenta um contraste com os sentimentos negativos que produz, já que esses sentimentos estão ligados a uma sensitividade moral do espectador. Ou seja, sentir-se acuado pela violência de filmes de terror demonstra que o espectador tem um forte senso de moral e empatia. Caso contrário, o terror não significaria nada, já que a audiência não sente apreço pelos personagens. Esse é um dos grandes desafios para a produção de um produto audiovisual de terror: é preciso, em pouco tempo de tela, criar um vínculo entre audiência e personagem, para que o filme possa provocar os sentimentos desejados em quem o assiste. Segundo Tallon (2010), o gênero de terror, além de fazer uma crítica ao nosso otimismo em relação ao mundo, também ajuda a iluminar o nosso entendimento básico da moralidade.

**2.3 LENDAS E HORROR BRASILEIRO**

“Ela canta e canta sempre; porém o moço tapuio que passa não se anima a procurar a fonte do igarapé. Ela canta e ele ouve, porém, comovido foge repetindo: ‘é bela, porém é a morte... é a Iara’” (CASCUDO, 2015, p.3). O Brasil possui um repertório de lendas bastante extenso, devido ao fato de diversas culturas diferentes terem contribuído para a formação de nosso folclore. Algumas das lendas mais famosas mundialmente, como a do vampiro e do lobisomem, que tiveram suas origens na Europa medieval, acabaram sendo trazidas para o país junto com os colonizadores, mas sofreram pequenas modificações, encaixando-se melhor a realidade brasileira. A Igreja Católica também tem influência sobre as lendas locais brasileiras, como é o caso da *mula-sem-cabeça*, em que uma mulher é amaldiçoada por ter um relacionamento por um padre. Grande parte das lendas possuem algum tipo de punição divina para um pecado que uma pessoa cometeu.

Outra grande vertente das lendas brasileiras são as lendas indígenas, que apresentam os mais variados tipos de monstros, sempre com alguma ligação feita com a floresta, seja por proteção à natureza e punição de caçadores, ou simplesmente pela ambientação do habitat da criatura. Tudo isso, somado também as lendas trazidas da África pelos escravos, que se misturaram e se adaptaram a realidade brasileira, criou um folclore rico, que pode contribuir em diversos aspectos para o gênero de terror no Brasil. A realidade, porém, é outra.

O Brasil, devido a miscigenação de tantos povos diferentes (indígenas, africanos e europeus), acaba assimilando várias lendas diferentes ao seu folclore e criando seus próprios, o que acaba criando uma riqueza cultural vasta, alguns sendo originais e outros derivados ou híbridos surgidos dessa mistura tão marcante, presente em nosso país.

Um dos grandes problemas de nosso folclore é que, mesmo sendo tão diverso, ele é pouco difundido em todo o país, poucos são os autores que abordavam sobre mitos e lendas brasileiras, e, não apenas temos uma grande diversidade no âmbito nacional, mas também nos regionais, mas aí fica mais complicado de mensurar sua difusão. Um desses grandes autores que difundiram com sucesso nosso folclore foi Monteiro Lobato (1882-1948). Conhecido principalmente por suas obras literárias infantis, são obras quase que essenciais hoje em dia nas escolas, e todos conhecem o universo do Sítio do Pica Pau Amarelo, adaptado em várias mídias, foram escritos e divididos em mais de 20 obras em quase 30 anos, algumas vezes trazendo elementos de outras culturas, mas a obra se centrava principalmente em volta do folclore brasileiro, cada história era contada ou num mundo de fantasia inventado por Narizinho e Pedrinho ou pela Dona Benta (dona do sítio) durante a noite, sendo responsável pela popularização de várias lendas brasileiras, como o Saci e a Cuca, por exemplo. Fora todo o universo criado por Lobato, pouco realmente foi explorado. A TV Cultura tem bastante programação com enfoque folclórico, dando não só espaço ao próprio Sítio e ajudar na popularização do mesmo, mas também, criar programas próprios que utilizam disso como uma das bases de suas histórias, como o Castelo Rá-Tim-Bum, que viria a ser a maior produção da mesma TV Cultura em questão de audiência.

Há poucos filmes nacionais de terror disponíveis no circuito comercial, principalmente filmes que utilizam do folclore brasileiro. Mas porque isso ocorre? As lendas consideradas mais clássicas, como a Iara, Saci, Mula-sem-cabeça, dentre tantas outras, eram principalmente transmitidas pelo meio oral, através dos “causos” que as pessoas mais velhas passavam para as mais novas. E esse método de se sentar com a família ou amigos para se contar e ouvir histórias mudou muito com a chegada da tecnologia, sendo substituída pela televisão, pelos videogames e pela internet (SANTIS; CARMELINO, 2011). E graças a esse avanço e mudança tecnológica da sociedade, a forma de se contar as lendas também mudou, refletindo a diferença entre o campo e a cidade, tanto no meio de transmissão, como na ambientação das histórias. As lendas regionais, pouco a pouco, se perdem e dão lugar as lendas genéricas e globalizadas, compartilhadas pela internet por pessoas de diversas idades, culturas e posições geográficas.

Hoje, existem diversas histórias que circulam na sociedade, caracterizadas por “lenda urbana” ou “lenda contemporânea”. Costumam aparecer mais em meios digitais, chegam por e-mail e contam histórias acontecidas com um “amigo de um amigo”, nunca identificado (LOPES, 2008 apud SANTIS; CARMELINO, 2011, p.40).

Segundo Cànepa (2016), a época de ouro do terror brasileiro se deu entre os anos de 1963 e 1983, mas o gênero sempre esteve presente no país em produções internacionais, que conseguiam trazer o público para o cinema. O grande representante do terror brasileiro é o personagem Zé do Caixão, criado por José Mojica Marins. Mas nessa mesma época, de acordo com Cànepa (2016) diversas produtoras de São Paulo começaram a produzir filmes de terror erótico, que também ficou famoso no país na época, enquanto no Rio de Janeiro as comédias de terror também começavam a tomar forma.

Contudo, na década de 80 o Brasil estava afundado em uma crise econômica e com a inflação alta, o que acarretou uma diminuição drástica das produções nacionais, que careciam de incentivos. Foi somente nos anos 90 que a retomada do cinema nacional se iniciou, mas a temática dos filmes produzidos se distanciou do gênero de terror, partindo para filmes com moldes hollywoodianos, com várias produções voltadas para a representação do modo de vida brasileiro, e principalmente para as comédias. Ainda assim, o gênero de terror cresceu no Brasil nos últimos anos, e vem recebendo mais atenção de grandes produtoras, como a Rede Globo. Na maioria das vezes, porém, as produções brasileiras seguem a tendência de filmes internacionais que fazem sucesso no período, como foi o caso do longa “Desaparecidos” de 2011, rodado em Ilhabela, que seguiu a onda dos filmes no estilo *found footage*, que estavam em alta na época.

Também é importante salientar que os filmes brasileiros competem, de modo quase desleal, com os filmes estrangeiros pelo número de salas de cinema que serão exibidos. No Brasil, há a chamada “cota de tela”, que estipula como os cinemas devem operar em questão das produções brasileiras. Tanto no ano de 2018, como no ano de 2018, a cota estipulava que cada sala de cinema precisaria exibir, por no mínimo, 28 dias de títulos nacionais, alternando entre pelo menos três diferentes[[3]](#footnote-3). Talvez por essa dificuldade em competir com os grandes *blockbusters* de Hollywood, principalmente em um gênero que não costuma atrair o grande público para as salas, grande parte dos produtores e diretores optam por exibir seus filmes comente em festivais, fora do circuito comercial, e também apostar em curta metragens, ao invés dos longa metragens tradicionais. O curta-metragem “Amor só de mãe” de 2003, por exemplo, se tornou o curta de terror de maior visibilidade na história do cinema brasileiro, tendo sido exibido em diversos festivais tanto no Brasil, como no exterior (CÀNEPA, 2016). É talvez assim que o terror brasileiro continue: majoritariamente independente, e longe do grande público.

Portanto, há sim grande interesse em mostrar, não só ao mundo, mas aos próprios brasileiros, o que temos de melhor no nosso folclore para que assim se tenha mais material para se trabalhar e embasar sobre, basta ter interesse de divulgação e o fazer de forma interessante ao público.

**3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O gênero do terror autoral no Brasil perdeu muita força com a explosão da cultura internacional que chegou nos anos 80 e a crise econômica, fora as disparidades de qualidade de produção, que não ajudava a nossa indústria e o fato de que, em sua grande maioria, introduzirem elementos de humor em suas produções, além das famosas pornochanchadas, que eram muito mais focadas em outros gêneros do que o terror em si, o que no final vira um produto mais “debochado” do que algo que explore o medo de fato. No seu auge durante os anos 50 aos 70, conseguiam levar grandes audiências ao cinema com produções com bons contos, principalmente as histórias do “Zé do Caixão”, produzidas, dirigidas e também atuadas por José Mojica Marins (1936), o terror nacional foi perdendo seu espaço no final dos anos 70 por conta dos motivos acima citados. O gênero ganhou fôlego novamente em nosso país nos últimos anos, porém com pouquíssimas produções autorais, em sua maioria, curta metragens.

Dito isso, a intenção do artigo é mostrar como o terror pode ser explorado novamente por aqui aproveitando-se dessa nova onda no Brasil e trazer novamente algo autoral pro *mainstream* cultural do país, que ainda está bastante carente. Com os novos incentivos de produções internacionais de canais de *streaming*, como a Netflix por exemplo, pode ser o momento mais propício para tal e isso ainda pode ser feito utilizando-se de todo o rico folclore nacional, que tem mais do que suficientes histórias que podem se encaixar no gênero perfeitamente, sejam elas de origem indígenas, africanas, europeias ou surgidas após a colonização.

**4 REFERÊNCIAS**

CÁNEPA, Laura L. **Medo de quê?** Uma História do Horror nos filmes Brasileiros. 2008. 469f. Tese de Pós-Graduação – UNICAMP, Campinas, 2008.

CARROLL, Noël. **The Philosophy of Horror or Paradoxes of the Heart.** Nova Iorque: Taylor & Francis e-Library, 2004.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Lendas Brasileiras.** São Paulo: Global Editora, 2015.

FAUSTO, Bóris. **História do Brasil.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

NICKEL, Philip J. Horror and the Idea of Everyday Life: On Skeptical Threats in Psycho and The Birds. In: T. Fahy, ed., **The Philosophy of Horror.** Lexington: The University Press of Kentucky, pp.14-32, 2010.

SANTIS, Ana Júlia Gaiani; CARMELINO, Ana Cristina. O feminino e o imaginário Popular: Discurso e Ideologia nas lendas brasileiras. **Revista Científica de Letras**, Franca, v. 7, n. 1, p. 31-58, janeiro/junho, 2011.

TALLON, Philip. Through a Mirror: Darkly: Art-Horror as a Medium for Moral Reflection. In: T. Fahy, ed., **The Philosophy of Horror.** Lexington: The University Press of Kentucky, pp.33-41, 2010.

TOSCANO, Carolina R. de Almeida. **“My Voice will not be cast away.”** A emancipação feminina no imaginário gótico de Emilie Autumm. 2016. 104f. Dissertação de Mestrado – Universidade de Lisboa, Lisboa, 2016.

WELLS, Paul. **The Horror Genre:** From Beelzebub to Blair Witch. Londres: Wallflower, 2000.

1. Frase proferida por Mark Gatiss durante o documentário “*A History of Horror with Mark Gatiss*”, da emissora BBC. [↑](#footnote-ref-1)
2. Frase atribuída ao diretor americano Wesley Earl Craven na Internet. [↑](#footnote-ref-2)
3. Informação de reportagem do jornal Folha de São Paulo, disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2019/01/governo-mantem-cota-para-filmes-nacionais-em-cinemas-mas-estuda-mudancas.shtml>. [↑](#footnote-ref-3)